

Idéia é fazer redução concreta dos débitos

Washington — O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady, ao anunciar o novo plano para a dívida externa, insinuou que a recente injeção de 75 bilhões de dólares do Banco Mundial (BID) abre o caminho para o Fundo Monetário Internacional aumentar as suas cotas. Brady sugeriu que, se a nova estratégia for adotada, pode ajudar o FMI a elevar o seu capital quando a matéria for discutida na reunião do próximo dia 30 de abril, em Berlim.

A grande diferença, de sua política com relação ao Plano Baker é que a prioridade passa a ser a redução efetiva da dívida, e não a sua rolagem com aumento constante do próprio endividamento.

Barber Conable, presidente do Banco Mundial, comentou

após o discurso do secretário do Tesouro: "Nós não podemos fazer tudo isso sozinho". Mesmo reconhecendo que Brady estava lançando as sementes de algumas idéias muito interessantes. Conable não deixou de lançar o que pareceu uma advertência: "Nossa liquidez está bem comprometida".

Michel Camdessus, diretor-gerente do FMI, disse que as propostas de Brady devem obter forte apoio dos membros e notou que o plano pode criar uma maior flexibilidade para os bancos. Enfatizou ele a palavra "flexibilidade".

O governo japonês deu calorosas boas-vindas ao Plano Brady, que além de um FMI e um mais capitalizados, contará com as contribuições de Tóquio bem como dos bancos nipônicos.

As primeiras reações dos congressistas foram cautelosas. "Creio que é o começo do começo", comentou Paul Sarbanes, democrata de Maryland, salientando que ainda desconhecia a magnitude do novo plano.

O senador Bill Bradley, democrata de Nova Jersey, acrescentou: "É muito cedo para dizer se o plano vai funcionar". Mas ele sugeriu a criação de um cargo especial, que chamou de "embaixador para a dívida". Segundo Bradley, esse funcionário devia ser "alguém vivendo 20 horas por dia o problema da dívida e sem ser controlado pelos bancos".

Richard Feinberg, no Overseas Development Council, previu que se o Tesouro e os reguladores se mantiverem firmes

por trás do plano, será muito difícil para os bancos resistirem à iniciativa. Segundo Feinberg, o plano abre um portão para reduzir a dívida.

Brady declarou ainda que se o FMI e o Banco Mundial providenciarem fundos como garantia para acordos comerciais de redução da dívida, os bancos terão mais boa vontade para voltar a emprestar ao Terceiro Mundo financiando projetos específicos que envolvem estudos de cada caso.

"O plano envolve toda uma nova perspectiva", disse James Robinson, da American Express CO. "Estou totalmente de acordo?", indagou a si próprio, respondendo em seguida: "Não, mas alguém tinha de mostrar a liderança."